

doclisboa 2004

II Festival Internacional de Cinema Documental de Lisboa



O conflito israelo-palestino é o tema de uma das secções do festival

60 documentários contra a apatia política na Culturgest

FESTIVAL NO FIM DO MÊS

O DocLisboa 2004 apela à mobilização pelo documentário. O conflito israelo-palestino está na ordem das sessões

VASCO CÂMARA

É uma co-produção entre a Associação pelo Documentário e a Culturgest, e durante oito dias, entre 24 e 31 de Outubro, vai querer a mobilização, das 11h às 23h, às portas do edifício da Caixa Geral de Depósitos, em Lisboa: pelos filmes documentários, pelo olhar alternativo sobre o mundo que eles permitem. Na declaração de intenções do festival DocLisboa 2004 não podia estar mais claro: "Defender um espaço de oposição construtiva à desmobilização que se vive hoje em Portugal."

É um gesto político este festival, como explicitaram ontem em conferência de imprensa os três directores (e agitadores), Serge Tréfaut, Nuno Sena, Ana Isabel Strindberg, ao falar da programação: "São filmes que permitem perceber os assuntos que correm na imprensa e na televisão todos os dias e que não percebemos na televisão e na imprensa todos os dias." E assim, alargando horizontes (porque o "slogan" é: "em Outubro o mundo inteiro cabe em Lisboa), se faz a tal "oposição construtiva": "mostrando aquilo que gostaríamos que estivesse nas salas de cinema e nas televisões e não está", dizem os programadores.

Os instrumentos para estes dias de agitação são cerca de 60 filmes divididos por cinco secções: a competição internacional (29 títulos, entre longas e curtas); um programa de reflexão, "Para onde vai o documentário português?", que inclui 10 produções ou coproduções nacionais; um "Foco sobre Espanha", que motivará comparações com a situação portuguesa, porque em Espanha os documentários chegam às salas e originam fenómenos de bilheteira - "é um alerta aos produtores e distribuidores nacionais: a capacidade que o documentário pode ter para reconciliar o público com as salas", opina Serge Tréfaut.

Revolução sem TV

Há ainda uma secção temática, "Como entender o Médio Oriente", e o módulo "Sessões especiais", com filmes extra-competição de nomes consagrados, como Frederick Wiseman ("Domestic Violence 2"), Agnès Varda ("Cinévardaphoto") ou Nicolas Philibert, o realizador de "Ser e Ter". Philibert mostrará "La Voix de Son Maître", um inquérito, feito em 1978, ao patronato francês que durante anos a TV francesa se recusou a mostrar.

Ainda nesta secção, serão exibidos um documentário sobre o realizador Abel Ferrara ("Abel Ferrara: not guilty"), um exercício irónico e bizarro com o envolvimento de Lars von Trier ("The Five Obstructions") e aquele que, segundo os programadores, é um dos documentários "mais premiados e também mais proibidos", "The revolution will not be televised", de Kim Bartley e Donnacha

O'Brain: uma equipa de televisão acompanha as 48 horas do golpe de Estado contra o presidente venezuelano Hugo Chávez, em Abril de 2002, um presidente fortemente apoiado pelas massas populares, que forçaram a sua continuação no poder e (como o título indica) assim se opuseram à batalha mediática que engendrara o golpe. Para um festival que apela à mobilização e liberdade do olhar, teria que ser este o filme, emblemático, de abertura.

Na intersecção entre a Competição Internacional e a secção "Como entender o Médio Oriente" adensa-se essa ideia do documentário como possibilidade de reflectir sobre temas do presente de forma mais complexa, o que é alheio à voragem televisiva - o conflito israelo-palestino, olhado de forma muito pouco ortodoxa (mesmo em termos de ortodoxia documental) por cineastas como Elia Suleiman, Avi Mograbi [ver caixa] ou Amos Gitai; que o documentário se mostra como inquiridor da memória e dos traumas do passado - um dos destaques da competição é "S-21 - La Machine de Mort Khmer Rouge", de Rithy Panh, em que vítimas do regime de terror dos Khmers Vermelhos (1975-1979) confrontam, hoje, os seus carrascos; e que o documentário conta também a história de aventuras íntimas e familiares, como é o caso do belíssimo "Bright Leaves", de Ross McElwee, história das terras da plantação de tabaco, do Sul dos EUA, que é uma história sobre heranças familiares - o vício (de fumar) - e, numa espécie de golpe romanesco, sobre o cinema americano dos anos 40. ■

O Michael Moore de Israel

Uma paisagem árida, um tanque, uma mulher, com duas crianças, a sangrar, uma ambulância, um pedido para atravessar a fronteira e uma voz que ordena, impede, proíbe. E um jornalista, com uma câmara, a filmar estes sete minutos de pantomima tensa numa zona de controlo entre Israel e a Palestina. É "Detail", de Avi Mograbi, uma curta que vai ser exibida, e que ontem os programadores mostraram como emblema do que escolheram. Assim apresentaram também um dos cineastas em destaque, que Serge Tréfaut disse ser como "um cruzamento entre Woody Allen e Michael Moore, mas melhor". Em "How I Learned to Overcome My Fear and Love Arik Sharon", filme a campanha eleitora de Ariel Sharon e mostra como ele, cineasta, anti-militarista, de esquerda, foi conquistado por um candidato de extrema-direita; em "Happy Birthday Mr. Mograbi" um realizador é perseguido por produtores israelitas e palestinianos que lhe encomendam filmes que são variações opostas da mesma realidade. Avi Mograbi é um dos convidados esperados em Lisboa, como Nicholas Philibert, Rithy Panh e (a confirmar) Agnès Varda, Amos Gitai ou Elia Suleiman. V.C.